



A FORMAÇÃO DO SUJEITO ECOLÓGICO CRÍTICO ATRAVÉS DE TOADAS DO BOI BUMBÁ DE PARINTINS

Irlane Maria Alves Soares ¹
Felipe da Costa Negrão ²
Priscila Eduarda Dessimoni Morhy ³

RESUMO

O exuberante Festival de Parintins é cenário para inúmeras reflexões acerca do meio ambiente e a sociedade. No curral dos bois “Caprichoso e Garantindo”, conhecimentos importantes são transmitidos ao mundo por meio de música, danças e cores. Em um contexto atual de pandemia, é natural que reflitamos sobre o estado de saúde do planeta, reafirmando o compromisso de sermos sujeitos ecológicos críticos. Nesse viés, o artigo em questão tem o objetivo de apresentar toadas que expressam a musicalidade do Norte, mas que também expressem indicadores da formação do sujeito ecológico, pertencido e consciente que suas práticas podem acentuar ou minimizar os problemas ambientais. A pesquisa de base bibliográfica e documental assegura a importância do Festival de Parintins para o desenvolvimento de uma consciência ecológica mundial, reiterando princípios e saberes do Homem do Norte (indígena, ribeirinho, caboclo) que podem contribuir na conservação e preservação da natureza, consequentemente do planeta como um todo.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Sensibilização Ecológica, Parintins, Toadas.

INTRODUÇÃO

O Festival Folclórico de Parintins (AM) é um marco na cultura do Norte do país, sendo responsável por movimentar a economia e o turismo da cidade homônima, localizada a 360 quilômetros de Manaus (AM). A festa é protagonizada pelos bois Caprichoso e Garantindo que ao som de toadas embalam a arena com um espetáculo de cores, alegorias e danças.

Essa grandiosa festa tornou-se vitrine de repercussão mundial, uma vez que os temas abordados são eternizados em toadas, canções próprias que abordam aspectos regionais em suas letras, corroborando na difusão de conhecimentos acerca da realidade amazônica. Esse movimento cultural também contribui na formação do sujeito ecológico por meio de relações, vivências e experiências com essa região, bem como a partir da educação como via contribuinte para a construção de uma consciência e sensibilidade ecológica.

¹ Especialista em Neuropsicopedagogia pela Universidade Nilton Lins - UNL, irlaneflazul@gmail.com;

² Mestre em Educação em Ciências na Amazônia. Professor da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, felipe.unl@hotmail.com;

³ Mestre em Educação em Ciências na Amazônia. Professora do Centro Universitário do Norte - UNINORTE, primorhy@hotmail.com;



Nessa perspectiva, acreditamos que as toadas do Festival de Parintins podem ser utilizadas como recurso pedagógico para o desenvolvimento de temas ambientais de forma transversal em qualquer ano da Educação Básica. O uso das toadas no ensino de temas ambientais pode ajudar na construção do conhecimento científico, oportunizando uma transformação política, social e econômica, além da valoração da biodiversidade da região.

A musicalização é uma ferramenta que potencializa o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, e para além traz benefícios cognitivos, afetivos, motores e sociais os quais independem da idade ou nível escolar (ALENCAR; FACHÍN-TERÁN, 2015). Nesse viés, as toadas de Boi-Bumbá carregam um forte constructo para a formação do sujeito ecológico, assim como para a (re)afirmação cultural amazônica e (re)conexão ambiental. Ademais, as toadas nos apresentam vertentes culturais e ecológicas, contribuindo assim na percepção de mundo dos estudantes, especificamente sobre o contexto amazônico, evidenciando uma convivência harmoniosa entre o homem e natureza.

O presente artigo justifica-se pela necessidade de transformação social, cultural e econômica em prol do ambiente inteiro, visto que o Amazonas possui grandes riquezas naturais as quais são cantadas em belíssimas toadas do Boi-Bumbá e que oportunizam o aflorar do sujeito ecológico. A musicalização regional das toadas é rica e serve como base para atividades escolares diversificadas e interdisciplinares, pois enfatizam não apenas as questões ambientais de preservação e conservação, mas também dialogam sobre o contexto histórico dos povos tradicionais, a valoração do saber científico e tecnológico e a proteção de toda a vida do planeta.

Portanto, o artigo tem o objetivo de identificar toadas que abordam a formação do sujeito ecológico, sendo aquelas direcionadas para assuntos relacionados à natureza (fauna e flora), posturas, hábitos, atitudes, proteção cultural e ambiental, indicando caminhos e possibilidades para o uso dessas canções no processo de ensino e aprendizagem de estudantes da Educação Básica.

METODOLOGIA

Este artigo é de natureza qualitativa, de modo que utilizou-se da pesquisa bibliográfica e documental (SEVERINO, 2007). O estudo bibliográfico emerge da necessidade de teorizar acerca da formação do sujeito ecológico crítico. Enquanto, a pesquisa documental (SEVERINO, 2007) foi utilizada na busca, seleção e análise das letras das toadas disponíveis nos portais oficiais dos bois Caprichoso e Garantido.



O critério de seleção das toadas foi à presença de elementos inerentes à fauna e flora, meio ambiente, proteção cultural e ambiental com o intuito de refletir acerca do trabalho pedagógico que pode ser realizado a partir da seleção desse estilo textual/musical que é próprio da nossa terra.

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO ECOLÓGICO

A sociedade passa por inúmeras transformações na atualidade (SPAREMBERGER E PAZINI, 2011), de modo que as questões econômicas, políticas, culturais e ambientais deixaram de ser vistas por uma ótica fragmentada, sendo agora pensadas de forma integrada e holística, uma vez que somos seres múltiplos no modo de agir, sentir e pensar, logo nada mais congruente do que desenvolvermos o todo e não as partes.

Ao falarmos de sujeito ecológico, precisamos refletir sobre a inserção desse indivíduo no ambiente⁴, buscando evidenciar suas ações frente ao seu espaço, seja esse natural ou não, pois a Educação Ambiental deve transcender às questões conservacionistas e preservacionistas da natureza, extravasando de forma ímpar ao relacionar-se diretamente aos nossos hábitos, atitudes, comportamentos e posturas.

Assim, para Boff (2011, p. 229) não basta somente desenvolvermos intelectualmente e tecnologicamente a humanidade se não tivermos “boa vontade”.

A boa vontade é a última tábua de salvação que nos resta. A situação mundial é uma calamidade. Vivemos em permanente estado de guerra civil mundial. Não há ninguém, nem as duas Santidades, o Papa e o Dalai Lama, nem as elites intelectuais e morais, nem a tecno-ciência que nos forneçam uma chave de encaminhamento global. Na verdade, dependemos unicamente de nós mesmos. Vale recordar o que escreveu Dostoievski em sua narrativa fantástica O sonho de um homem ridículo de 1877: “Se todos quisessem, tudo mudaria sobre a Terra num só momento” (BOFF, 2011, p. 230).

Neste sentido, a boa vontade está intrinsecamente conectada à mudança de posturas e atitudes, pois para que haja transformação positiva é preciso ter vontade, e assim contribuímos de maneira ativa, integrativa e colaborativa para o equilíbrio do planeta. A formação do sujeito ecológico dar-se-á a partir do momento em que o indivíduo compreende que faz parte do todo, sendo pertencente ao planeta, entendendo que é contribuinte dos problemas ambientais, assim como também é responsável por prover soluções. Desta forma, a Educação Ambiental é uma alternativa que tem como objetivo “arquitetar novos costumes de relacionamento do homem

⁴ Ambiente é todo e qualquer lugar em que o ser humano possa transformar de forma positiva e/ou negativa, não estando relacionado somente ao aspecto natural.



com o meio ambiente, visando à formação do sujeito ecológico” (TAKADA e SANTOS, 2015, p. 93).

É urgente e necessária que a Educação Ambiental seja implementada de forma integrada e transversal nas escolas e no cotidiano, não apenas em datas comemorativas de meio ambiente ou em práticas pedagógicas frágeis sem contexto e/ou contextualização científica. Assistimos a um cenário em que a reutilização da garrafa pet como pote para guardar canetas é associado a Educação Ambiental, entretanto isso é apenas artesanato dentro de um contexto de reciclagem.

A Educação Ambiental é profunda e abarca aspectos econômicos, sociais, culturais, políticos e ambientais, bem como conhecimentos científicos, e quando bem contextualizados e trabalhados possibilita a construção de um indivíduo ecologicamente sensível e consciente. É nesta perspectiva que a Lei da Política Nacional de Educação Ambiental (Nº 9.795/99), determina que as escolas desenvolvam suas práticas pedagógicas desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, buscando a superação de dicotomias e fragmentação do conhecimento, objetivando a formação do sujeito ecológico, uma vez que a Educação Ambiental é considerada como:

Uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente. Nesse sentido, contribui para a tentativa de implementação de um padrão civilizacional e societário distinto do vigente, pautado numa nova ética da relação sociedade-natureza (LOUREIRO, 2000, p.69).

Não há mais tempo para a sociedade distanciar-se da natureza como vêm acontecendo, usando e abusando dos recursos naturais de forma irresponsável e muitas vezes egocêntrica. O momento atual exige ressignificar nossas relações com o meio que nos cerca e com todos os seres vivos do planeta, uma vez que estamos conectados ao todo de forma intrínseca em uma grande “teia da vida” (CAPRA, 2006, p. 231).

A formação do sujeito ecológico exige mudanças de hábitos e posturas, bem como transformação de princípios, valores e pensamentos os quais estão enraizados em nossa cultura de forma distorcida. Tais mudanças gerarão a superação da “cultura do desperdício” por uma cultura da parcimônia, assim como o “consumismo exagerado” por um consumismo consciente, e ainda a “cultura do descartável” pela cultura do reutilizável, e por fim, a “economia sem ética” por uma economia com ética e sustentável para todos (TAKADA e SANTOS, 2015).

Neste sentido, a educação é mediadora no processo de formação de sujeitos ecologicamente ativos, os quais saberão tomar iniciativas e decisões que compactuem com a



prosperidade planetária. Assim, o sistema educacional brasileiro deve repensar o tipo de ensino que está sendo priorizado, pois, muitas vezes focaliza-se apenas na formação de crianças e jovens para o mercado de trabalho, entretanto sem natureza, recursos naturais e seres vivos não haverá produtividade, labor, dinheiro, saúde e qualidade de vida.

Vale a reflexão de que o saber científico deve ser democrático e acessível a todos, e que o educador é um mediador nesse processo, por isso é importante permitir que crianças e jovens, na condição de alunos ativos participem com seus conhecimentos prévios, trazendo para a sala de aula suas vivências, experiências e expectativas, autorizadas a questionar, investigar e exercer sua curiosidade, pois assim o conhecimento ambiental e científico será construído, aflorado e sentido de forma a tornar o lugar em que se vive ecologicamente harmonioso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A disputa entre dois bois é a cerne do Festival de Parintins. O evento ocorre sempre no último fim de semana do mês de junho, sendo reconhecido como uma das maiores manifestações culturais do mundo. A cada ano os bois Caprichoso e Garantido apresentam um tema e se organizam para apresentar algo lúdico, encantador e significativo.

A temática indígena é bem recorrente, uma vez que expressa as origens do povo amazonense, em especial do povo parintinense. Com isso, florestas, rios, animais e outros recursos naturais estão presentes nas letras das toadas, nos remetendo à ideia de preservação, conservação e sensibilização ambiental.

O Festival de Parintins é uma vitrine mundial, de modo que o apelo ecológico expressado nas canções, alegorias e apresentações dos bois pode contribuir para o desenvolvimento do sujeito ecológico, enfatizando práticas e ações de Educação Ambiental.

As toadas também expressam tradições e costumes da Amazônia que se entrelaçam com a cultura indígena por meio de lendas e histórias contadas oralmente por antepassados e são bem vivas no imaginário caboclo. Um exemplo claro, é a natureza que na visão indígena é retratada como mãe, reconhecida como entidade necessária para a sobrevivência dos povos.

MÁTRIA

Compositor: Paulinho Du Sagrado
Boi Caprichoso (2019)

Um novo tempo virá, a humanidade entenderá,
Tudo é preciso pra se preservar os saberes dos livros na terra.
A serra que encerra, gafanhotos de ferro na floresta é pra devorar,
Pra gananciar a riqueza e os valores que há.
O medo que encerra está em toda a selva,



Trouxe o fogo mortal do além-mar,
Em noite sem luar, não entoei cantar.
Meu tambor resistiu vai rufar, avante guerreiros!
Avança e vence! Tribo de guerreiros!
Toque os tambores tribais da liberdade, oh, oh, oh!
Índio que não tem terra, isso é loucura!
Índio que não cultua, não tem cultura!
Vem Waimiri-atroai, Yanomami, Ava, Guarani!

A ideia de novo tempo apresentada na toada “Mátria” nos (e)leva a pensar em um mundo em que a sociedade compreende o seu papel frente as transformações sociais, econômicas, culturais e ambientais. Nos dias atuais, vivenciamos uma crise na saúde devido a pandemia do novo corona vírus (COVID-19), uma crise gerada por ações humanas que impactam o mundo inteiro, afetando economia, cultura e educação.

O novo tempo também expressa o dia em que todos reconhecerão a importância dos saberes indígenas, uma vez que ao longo do anos vem perdendo espaço no imaginário social, motivado principalmente por entidades políticas que se recusam a proteger suas terras, tornando a vida do índio ainda mais difícil.

A sociedade tem muito a aprender com a vida indígena, pois estes vivem em plena sintonia com a natureza, atribuindo importância a tudo que há na vida. As escolas precisam ressignificar o ensino da cultura indígena, rompendo com o estereótipo de “fantasiar” a criança com arco e flecha, e finalmente enfatizar a formação do sujeito ecológico, tomando como modelo a cultura indígena, utilizando-se da transversalidade para tratar de meio ambiente e pluralidade cultural.

A expressão “tudo é preciso pra se preservar os saberes dos livros na terra” reforça a importância da ciência para a humanidade, embora seja um festival de cultura, em nenhum momento se nega a existência da ciência e da pesquisa, inclusive a composição das toadas expressam bem um profundo trabalho de pesquisa científica. Sendo assim, apesar das atuais lideranças políticas negarem o papel da ciência, sabemos que está é essencial para o desenvolvimento integral do país, pois a ciência é responsável pela cura das doenças que assolam a humanidade, assim como é útil na solução de problemas sociais, inclusive capaz de contribuir na superação da fome, principal problema desse país. Porém, a ciência incomoda, gera desespero na classe dominante, pois transforma o homem em sujeito crítico e ciente de seus direitos.

A toada “Mátria” também utiliza-se da expressão “gafanhotos de ferro” presentes nas florestas, aqui figurados como as máquinas que desmatam, queimam e exploram madeiras,



minérios e outros recursos naturais, ocasionando a biopirataria que acarreta na perda da biodiversidade.

A figura do índio protetor, guerreiro e pronto para vencer o homem branco repudia os sentimentos de dominação e ganância pela natureza. Por isso, existe a necessidade de reconhecermos a luta contra o desmatamento, contra a aculturação dos povos indígenas e conta a ideia de utilitarismo defendida por grupos e entidades políticas que visam acima de tudo o lucro e o poder.

Observa-se que autoridades políticas carecem de conhecimento cultural, visto que insistem na demarcação de terras, deixando o índio a viver com o mínimo de espaço. Pior que isso é retirá-los do lugar em que vivem, pois para estes, tudo é sagrado, tudo tem um significado, um ente protetor. A terra está em comunhão com o corpo e com o espírito.

Os povos citados na toada Mátia sofrem com a dizimação por décadas em nosso país. A tribo dos Waimiri-atroari e os Ianomâni, são ampalmente retratadas nos Festivais de Parintins, de modo que destacamos a contribuição do cacique Davi Kopenawa que nos traz a sua visão em relação à destruição das florestas e o sofrimento dos índios no livro “A queda do céu”, publicado em 2015. Na obra, o homem branco é comparado a “xauara”, um dos algozes do povo yanomâni, um espírito com pensamento adoecido que vem destruir as florestas. Para Kopenawa e Albert (2015) “os brancos dormem muito, mas só conseguem sonhar com eles mesmos”, retratando, pois, o egóismo do homem.

VIVA NOSSA FLORESTA

*Compositores: Adriano Aguiar, Joel Maklouf, Erick Nakanome e Jr. Dabela
Boi Caprichoso (2016)*

Alô Brasil, quem tá falando é aqui de Parintins,
Conhecida como a terra do Bumbá.

Quero fazer um convite, chamar todo mundo pra vir preservar!
O nascer do sol, o sopro da vida, o som da toada, tambor, melodia,
O índio que canta pra natureza, caboclo que vence a correnteza.

Preserva em artes, cores e festa, a vida, a floresta,
De um povo orgulhoso, corajoso, glorioso, Caprichoso.

[...]

São as aves em bando cantando, são as flores da vida brotando,
É o exemplo da ilha ensinando, consciência ancestral renovando.
É a floresta que o povo preserva, é a esperança que nunca se encerra
É o amor pela nossa mãe terra, é o menino cantando o futuro!

A toada inicia-se com a expressão “Alô Brasil”, um convite à preservação, aqui entendida como fundamental para a sobrevivência humana, uma vez que a mesma corrobora para a proteção da diversidade ambiental. A preservação esta associada ao ambiente que ainda não sofreu interferência humana, o que atualmente é raro.



Neste pressuposto, a toada chama os povos de outros lugares à festa de Parintins, que tem como tema central a preservação, tanto cultural como ambiental, de um jeito único que só é feito nesse festival pelos artistas locais.

É interessante a mistura do que os índios consideram sagrado, com o que devemos conservar, visto que eles já o fazem e nós ainda temos muito a aprender com eles. Por esse motivo, as toadas são ricas em ensinamentos indígenas que podemos utilizar para fins de ensino e construção de uma consciência ecológica.

A VIDA DEPENDE DA VIDA

*Compositores: Tony Medeiros e Magno Aguiar
Boi Garantido (1999)*

Não deixe o meu rio secar,
Agonizar e morrer.
O que será deste mundo,
Se o rio e a mata desaparecer?
Não eu não vou devastar!
Meu filho precisa crescer!
A vida depende da vida pra sobreviver!
Cadê pau pra canoa? Não tem!
Nem madeira pro meu Tapirí,
A paca, o tatu e a cutia fugiram daqui,
Tem fumaça no ar, tá queimando meu chão.
É preciso parar com tanta destruição.

A toada já em seu nome nos faz refletir acerca da vida que depende da vida, uma ideia primária do que entendemos hoje por sustentabilidade. A letra também reflete o cuidado com as secas, fenômeno natural, porém incentivado por ações humanas. A reflexão sobre o ciclo da vida é clara quando diz que, sem árvores não se podem fazer as canoas, que é essencial para a atividade da pesca e sobrevivência dos ribeirinhos, assim como para fazer suas casas. É também o reconhecimento do caboclo de que não se vive sem a natureza, bem como enfatiza a importância da água como elemento primordial a existência humana.

Esse elemento carrega consigo a matriz da vida e apesar da água possuir uma valoração imensurável tanto no seu aspecto ambiental, cultural e econômico, na atualidade ela é tratada apenas como uma “coisa” a ser consumida de maneira irresponsável e insustentável (MORHY, 2018, p. 21).

A água é fonte de vida, patrimônio cultural e essencial para a permanência da vida. A letra da toada enfatiza a necessidade de mudança no comportamentos humano a fim de manter vivo esse recurso natural.



LUZ DE ESPERANÇA

Compositor: Juvelino Souza
Boi Caprichoso (1995)

Devastaram o meu verde,
Não deixaram uma planta no chão.
Fauna e flora destruídas,
Pela mente corrompida,
Maltratando o meu chão.

Mãe Natureza!
Faz sorrir uma criança!
És a luz da esperança!
És a flor do amanhã!

A escolha da toada “Luz de Esperança” justifica-se por ser a mais antiga disponível nas plataformas digitais do Caprichoso, reforçando que a preocupação com o meio ambiente e as abordagens ecológicas realizadas no Festival é antiga. A letra simplória, comparada com as mais atuais, reflete os primeiros sinais de desmatamento. O caboclo do norte, sempre foi muito dependente da natureza, daí a preocupação precoce, pois quem sente na pele o mal que a devastação causa, vai ser o primeiro a se preocupar em perder tudo de bom que há em um ambiente preservado.

A ideia de esperança e amanhã se chocam com o contexto atual, em que os sinais de ações do homem contra a natureza crescem diariamente, e ainda são incentivados por líderes políticos irresponsáveis.

LAMENTO DE RAÇA

Compositor: Emerson Maia
Boi Garantido (1996)

O índio chorou, o branco chorou,
Todo mundo está chorando,
A Amazônia está queimando,
Ai, ai, que dor!
Ai, ai, que horror!
O meu pé de sapopema,
Minha infância virou lenha,
Ai, ai, que dor!
Ai, ai, que horror!
Lá se vai a saracura correndo dessa queimadura,
E não vai mais voltar!
Lá se vai onça pintada fugindo dessa queimadura,
E não vai mais voltar!
Lá se vai a macacada junto com a passarada
Para nunca mais, voltar!
Para nunca mais, nunca mais voltar
Virou deserto o meu torrão
Meu rio secou, pra onde vou?



A toada “Lamento de Raça” é uma das mais famosas do Garantido, sendo entoada até os dias de hoje, inclusive por expressar em sua letra uma realidade ainda viva. O choro do índio representa a ausência de um lar, de instrumentos e condições básicas para sobrevivência, enquanto que o choro do branco ilustra as guerras travadas por tanto tempo, em que esse choro egoísta pode ser interpretado como a impossibilidade de desmatar, a efetivação de leis ambientais e as organizações que fiscalizam e tentam manter viva a nossa floresta.

Apesar de ser datada de 1996, é uma letra que traz a atualidade das lutas de terras e do esforço indígena para preservar seu chão, sua fauna e flora, essenciais para a sua sobrevivência.

ACALANTA, UM HINO À AMAZÔNIA

*Compositores: Simão Assayag e César Moraes
Boi Caprichoso (2014)*

[...]

O Curupira ferido retorna o lugar,
Não tenhas medo, Amazônia!
Entes que protegem a mata não morrem,
Como a borboleta que tingiu suas asas, recorrem, recorrem,
De cara pintada e alma lavada, a legião vai voltar.

Amazônia, Amazônia,
Tua riqueza é de quem te habita,
Pessoas, plantas e bichos,
Tua pureza afaga e acalanta a humanidade.

[...]

Gente alegre dessa bandas vai te povoar,
Sem sujar a terra, sem tsnar o ar,
Festeira que não desperdiça.

[...]

Amazônia, Amazônia
Verde do Brasil!

A expressão “tua riqueza é de quem te habita” abre espaços para discussões sobre biotecnologia, uma vez que a biodiversidade amazônica movimenta um mercado de produtos farmacêuticos, cosméticos e alimentícios, bem como recursos genéticos para pesquisas científicas. A biotecnologia é uma aliada da biodiversidade, pois a mesma tem o objetivo de utiliza os recursos naturais de forma sustentável, pensando nas próximas gerações, e principalmente gerando renda para caboclos, ribeirinhos e indígenas. Vale ressaltar que se não houver cuidado e proteção com a biodiversidade amazônica muitas espécies de plantas e animais serão extintos e a tecnologia é uma aliada frente a essas questões. Ou seja a Amazônia tem valor inestimável para os filhos deste lugar (valor envolve sentimentos e emoções) e para as empresas a Amazônia tem preço (monetário), de modo que o olhar da sustentabilidade deve ser para todos e em prol de todos.



A toada abarca princípios de sustentabilidade, e aqui reforçamos que para ser sustentável é necessário ser ambientalmente correto, socialmente justo e economicamente viável. E para isso, contam com a ajuda do guardião da floresta, o Curupira. Para os índios os entes da floresta ajudam a preservar seu habitat como Pachamama, que é o espírito da mata, a senhora da mata. Essa toada representa bem esse imaginário, a ajuda que eles invocam para vencer os males, que é representado pelo homem branco destruidor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Festival de Parintins é um marco cultural em nosso país, trazendo em seu seio inúmeras oportunidades de desenvolvermos uma consciência ecológica. Enquanto educadores, acreditamos que o uso de toadas na educação pode contribuir com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica.

É importante lembrar que a cultura é dinâmica, portanto se modifica com o tempo, contudo, sua essência permanece a mesma. Desta forma, o Festival de Parintins sofreu modificações em sua estrutura, fazendo com que as toadas ganhassem uma nova roupagem adequando-se aos novos conhecimentos e a novas demandas que surgem no cotidiano caboclo.

Além disso, o Festival de Parintins é reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), justamente pelo envolvimento do povo local nas pesquisas, e sobre os saberes preservados com essas pesquisas, foi possível esse reconhecimento.

As toadas enfatizam nossas riquezas naturais, e enquanto objeto de estudo deste artigo, evidenciam a formação do sujeito ecológico, levantando a bandeira da preservação, conservação e sensibilidade ambiental. As toadas aguçam o nosso pensamento crítico, nos levando a refletir acerca de nosso papel enquanto cidadãos ecológicos, protetores da natureza e conscientes de que a vida depende da vida.

Em síntese, a pesquisa nos mostra que as toadas do Boi-Bumbá de Parintins são excelentes recursos para exploração de temas transversais vinculados ao meio ambiente, saúde e pluralidade cultural, superando as comemorações vazias do dia da água, dia do índio, dentre outros que apenas reproduzem estigmas, não trazendo a reflexão necessária acerca das sustentabilidade e da necessidade de mantermos a mãe natureza viva.



REFERÊNCIAS

ALENCAR, Raimundo Nonato Brilhante.; FACHÍN-TERÁN, Augusto. **O processo de aprendizagem das crianças por meio da música e elementos sonoros em espaços educativos**. Manaus: Editora & Gráfica Moderna, 2015.

BOFF, Leonardo. Atitudes e comportamentos de hospitalidade. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**., Brasília, Ano XIX, n. 36, p. 229-236, jan./jun. 2011.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos**. Tradução de Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2006.

KOPENAWA, Davi.; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo.; LAYRARGUES, Philippe Pomier.; CASTRO, Ronaldo Souza de (Orgs.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002.

MORHY, Priscila Eduarda Dessimoni. **O sentimento de pertença com crianças da educação infantil em relação a água em espaços educativos**. 2018. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências). Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Amazonas, Manaus, 2018.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SPAREMBERGER, Raquel Fabiana Lopes.; PAZZINI, Bianca. O ambiente na sociedade do risco: possibilidades e limites do surgimento de uma nova cultura ecológica. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v.8, n.16, p.147-168. Julho/Dezembro, 2011.

TAKADA, Yudi Mário; SANTOS, Genivaldo de Souza. Educação ambiental como instrumento de formação do sujeito Ecológico. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 12, n. 1, p.89-96, jan/mar, 2015.